

**Dramaturgia cênica feminista
e análise situada de espetáculos**

Daniela Alvares Beskow

**Caderno de textos 4
Editora Palavra e Meia**

Dramaturgia cênica feminista
e análise situada de espetáculos

Daniela Alvares Beskow

Caderno de textos 4
Editora Palavra e Meia

Caderno de Textos Palavra e Meia é uma publicação do site Palavra e Meia. Destina-se a dar vazão à textos de caráter analítico e ensaístico - alguns com características de artigo, outros com caráter de manifesto, de coluna, ou mais informal - de tamanho curto e médio da autora Daniela Alvares Beskow. O objetivo é circular conteúdo de pesquisas em andamento, reflexões sobre momentos históricos atuais e passados e questões para debate. Alguns desses textos serão futuramente desenvolvidos em livros ou capítulos de livros.

Caderno de Textos Palavra e Meia
Coordenação geral: Palavra e
Meia/Daniela Alvares Beskow
www.palavraemeia.com

Beskow, Daniela Alvares.
Caderno de Textos *n.4 Dramaturgia cênica feminista e análise
situada de espetáculos*/ Daniela Alvares Beskow. -1. ed.
Campinas, São Paulo. 2018

1. Artes cênicas
 2. Dramaturgia cênica
 3. Análise de espetáculos
 4. Feminismo
 5. Beskow, Daniela Alvares
-

Publicação digital

Disponível em www.palavraemeia.com

Novembro de 2018

Sobre a autora

Daniela Alvares Beskow, 35 é mestre em Artes Cênicas (Universidade Estadual Paulista – UNESP. 2015-2017), bacharel em Ciências Políticas (Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. 2006), licenciada em Ciências Sociais (Unicamp, 2007) e bacharel em Comunicação das Artes do Corpo, habilitação em Dança (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP. 2013).

Coordenadora da Editora Palavra e Meia, escritora e artista da dança e das linguagens cênicas. Como escritora, o início de sua trajetória é marcado por publicações em zines, individuais, em grupo e como integrante de movimentos sociais (2001-2007) e na revista estudantil Cacheiros Viajantes do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH da Unicamp (2004). Publicou ensaios e colunas no seu site (2011-2015) e nos sites do Coletivo de Comunicadores Populares (Campinas-SP) (2011) e Passa Palavra (2009). Publica no site Palavra e Meia, coordenado pela autora, a partir de abril de 2016. O site Palavra e Meia publica também material escrito de convidadas. Publicou ensaios no Portal Unesp entre 2016 e 2017 e também no site Las Abuelitas. Os textos do Portal Unesp foram republicados por jornais locais - digitais e impressos – em algumas cidades do Brasil.

Publicou capítulos nos seguintes livros: “Corpo-mídia” no livro “Ideias Perigozas” (2010, Descentro. Org. Fabiane Borges) e “Vozes sobre o momento atual: junho e pós junho de 2013 em Campinas” no livro “As rebeliões da tarifa e as jornadas de junho de 2013 no Brasil” (2014, Deriva. Org. Cassio Brancalone e Daniel de Bem). Publicou o ensaio “Oito pontos sobre a horizontalidade” no Encontro Sociedade e Comunicação – ESC (2011. Unicamp, Campinas –SP), inspirado no modelo anarquistas de gestão das rádios livres e publicado em formato digital no site Palavra e Meia em novembro de 2016. Escreveu inúmeros textos, reflexões, poemas e ensaios ainda não publicados.

Como graduanda em Comunicação das Artes do Corpo realizou a pesquisa de iniciação científica (com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/Fapesp), “O Espaço Teatral entendido a partir da Teoria Geral dos Sistemas” (2013). Sua monografia de conclusão do curso de Comunicação das Artes do Corpo teve como tema “Em Trânsito: Uma análise da relação entre público e artista no teatro que acontece na rua a partir da Teoria Geral dos Sistemas: Sujeito, objeto, complexidade e trama na cidade a partir de uma escrita criadora.” (2013). Ambas tiveram orientação do Prof. Dr. Jorge de Albuquerque Vieira, a partir de debate entre as áreas da ciência, filosofia e artes.

Sua pesquisa de mestrado (com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ Capes) consistiu na observação e análise de dramaturgias cênicas com apenas mulheres em cena a partir de uma perspectiva feminista na cidade de São Paulo nos anos de 2015 e 2016, sob a orientação da Profa. Dra. Lúcia Regina Vieira Romano. A dissertação: “O discurso das mulheres na cena paulistana de 2015-2016: uma proposta feminista de análise de espetáculos” foi defendida em junho de 2017 e encontra-se disponível no endereço: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152099>.

Em 2017 lançou a Série Caderno de Textos, a Revista Palavra e Meia e a Editora Palavra e Meia. Atualmente escreve a partir principalmente das perspectivas da ciência política, anarquismo, artes cênicas e feminismo. Seus escritos vêm também da atuação em movimentos sociais nas áreas de comunicação, feminismo e artes cênicas desde o ano 2000.

Sua pesquisa como bailarina e pesquisadora do movimento pode ser conferida no www.danielaalvaresbeskow.com

Contato: dab@inventati.org

Índice

6	<i>Introdução</i>
7	<i>Dramaturgia cênica feminista e análise situada de espetáculos</i>
14	<i>Regimes de dominação e artes cênicas</i>

Introdução

O primeiro ensaio discorre sobre dois conceitos: "dramaturgia cênica feminista" e "análise situada de espetáculos". Ambos foram elaborados pela autora em sua dissertação de mestrado "O discurso das mulheres na cena paulistana de 2015-2016: uma proposta feminista de análise de espetáculos", concluída na UNESP em 2017, sob a orientação da Profa. Dra. Lúcia Regina Vieira Romano. Os conceitos são resultado da análise de 42 peças de teatro, dança e performance apresentadas na cidade de São Paulo nos anos de 2015 e 2016, pensados a partir de ideias e práticas feministas e de movimentos de mulheres ao longo da história. O panorama de violência contra as mulheres no Brasil também serviu de base para a estruturação de tais conceitos, que aqui se apresentam a partir da relação com quatro ideias: feminismo, violência, política e complexidade. Escrito em setembro de 2018.

O segundo texto, um ensaio curto, aborda a questão dos regimes de dominação e possíveis relações com as artes cênicas. Escrito em novembro de 2018.

Dramaturgia cênica feminista e análise situada de espetáculos

Análises de espetáculos e dramaturgias cênicas são ações derivadas de interpretações sobre a realidade, que se farão diferentes em função dos referenciais de cada pensadora¹. Tanto análises quanto dramaturgias cênicas constituem discursos e ainda que não se apresentem através de uma rede coerente de conceitos, ou seja, uma teoria, o fazem através de referências a ideias e pensamentos. Identificar que ideias são essas auxilia na interpretação sobre tais ações, situando-as no panorama mais amplo da sociedade e do momento histórico.

Perspectivas geram interpretações e estas geram ações. Neste sentido as ações se configuram de determinadas formas, pois, derivam de determinadas formas de entendimento sobre a realidade e as coisas.

O presente ensaio tem como objetivo esmiuçar dois conceitos, propostos pela primeira vez na pesquisa e dissertação de mestrado desta autora (Beskow, 2017): dramaturgia cênica feminista e análise situada de espetáculos.

Tanto a análise situada de espetáculos como a dramaturgia cênica feminista derivam do pensamento feminista. A perspectiva feminista é aquela proposta por mulheres e que tem como eixo o entendimento sobre a realidade a partir das ações de violência que homens cometem contra mulheres nas sociedades e também a partir da noção de que mulheres são sujeitos políticos e constroem e significam a realidade coletiva. Estes eixos originam outros, a partir de perspectiva integrada, ou seja, pensamento em rede: a violência contra as mulheres deve ser cessada, assim como todas as formas de violência contra todas as pessoas e também contra todos os seres vivos e o próprio ambiente, o planeta; não se deve impedir a realização da ação política de mulheres, sendo o impedimento desta ação uma das ações de violência existente. O pensamento feminista propõe a não violência e nesse sentido se aproxima de outros pensamentos, como o anarquismo e o ambientalismo. É também anti racista e contra a dominação econômica exercida por pessoas e grupos. Problematisa a violência contra mulheres localizadas em vários grupos – e logo, existente de diferentes formas – para então problematizar a violência como um todo. Um dos pontos fundamentais do feminismo é a constatação da existência de um regime de dominação dos homens sob as mulheres, denominado patriarcado. A dominação é vista como estrutural, e logo, sustentada por forças e ações que se mantêm no tempo e espaço, alterando-se em detalhes com fins de adaptação, mas, mantendo alguns eixos principais. Muitas pensadoras atribuem a existência dos outros regimes de dominação – o racismo, o capitalismo e a heteronormatividade – como derivados do patriarcado. Sendo o patriarcado definido pela pouca ou nenhuma existência de mulheres nos espaços de tomada de decisão sobre o coletivo, logo, as decisões que sustentam o racismo, o capitalismo e a heteronormatividade, não seriam tomadas por elas. Nesse sentido, seriam os homens os protagonistas nestes espaços e logo, os responsáveis pela violência, resultante daquelas decisões. Ainda, mulheres localizadas nos grupos dominantes, se beneficiariam economicamente e socialmente do contexto gerado, estando em situação mais favorável, ou privilegiada, em relação às mulheres localizadas nos grupos dominados. Por esta razão, há divergências teóricas sobre o protagonismo nos regimes racistas e capitalistas, pois há as que consideram também estas mulheres como protagonistas da dominação, ou ao menos, como

¹ Será utilizado o adjetivo feminino para se referenciar aos substantivos genéricos e coletivos (homens e mulheres) durante este artigo.

mantenedoras e perpetuadoras destas. No caso da heteronormatividade a divergência teórica é ainda mais profunda, pois, não há consenso sobre se as mulheres heteras são ou não privilegiadas em relação às mulheres lésbicas. Se por um lado, a orientação sexual das mulheres heteras é aceita socialmente, no espaço privado estão sujeitas às violências vindas do relacionamento com os homens. Lésbicas, por outro, são hostilizadas nos ambientes coletivos, mas, não convivem intimamente com homens. Ainda, sofrem intensa violência nos espaços privados familiares ampliados, devido à lesbofobia e também não estão isentas de sofrerem violência de outras mulheres no relacionamento afetivo. Esse complexo quadro de relações sociais tem sido objeto de estudo e hipóteses sobre a origem da violência, da dominação e da exploração. Ainda que não se chegue a um consenso, pode-se dizer que o objetivo do feminismo é cessar a violência contra as mulheres e contra todos os seres, promovendo sociedades de abundância econômica, bem-estar, paz e possibilidades de vida para todas as pessoas.

Como se pode observar, o quadro teórico feminista coloca como fundamental o entendimento sobre o conceito de violência, o conceito de política e também o pensamento em rede. Algumas pesquisadoras utilizam o termo “interseccional” para pensar a relação entre os vários contextos e situações de poder e dominação. No caso deste artigo, utiliza-se “rede”, que se orienta pelo conceito “complexidade”, ambos derivados da Teoria Geral dos Sistemas (TGS).

Ainda que os dois campos teóricos se assemelhem, possuem raízes teóricas distintas. A interseccionalidade se aproxima do materialismo, enquanto que na Teoria Geral dos Sistemas haveria a proposição de padrões, observados na materialidade, mas, que são expressos através de fórmulas matemáticas. Algumas diriam que se aproxima do idealismo. Proponho, porém, uma TGS materialista, pois, ainda que existam fórmulas e que estas voltem aos padrões para entendê-los, são dos padrões que se originam. Temos então três conceitos: violência, política e complexidade. Estes constituem a perspectiva feminista sobre a realidade. O debate sobre política e feminismo aponta:

“O exercício dos mais diversos campos da política, numa situação de quase ausência das mulheres, constitui-se num grande desafio ao projeto democrático e em um impasse para os estudos de gênero e feministas, assim como para os movimentos organizados de mulheres. O registro da literatura pertinente (Pateman, 1993; Okin, 1995; Norris, 1987, 1996^a, 2000; Inglehart & Norris, 2000; Avelar, 2001) aponta para o fato de que algumas das concepções que nortearam as democracias ocidentais definiram espaços e conquistaram direitos de modo assimétrico para homens e mulheres, instaurando e perpetuando profundas desigualdades políticas. No século XX, para combater tais discriminações, mulheres de todo o mundo se organizaram, enquanto sujeitos políticos, em quase todas as partes e continentes, tendo como ponto de partida suas vivências de privações, segregações e opressões dos mais distintos matizes e não apenas na carreira política institucionalizada. Nestes séculos também foram criados e fortalecidos os movimentos feministas e de mulheres, em uma rica pluralidade de formas, tonalidades, ritmos e articulações locais, nacionais e internacionais.” (Matos, 2013, p.315)

Observa-se então que a atuação política ocorre de diversas formas, sendo o processo de candidatar-se e votar, e o decorrente contexto de decisões tomadas nas áreas representativas, apenas um deles. Com atenção ao século XX, observa-se difusão das democracias representativas e também de movimentos feministas e de mulheres, havendo também movimentos de mulheres em momentos anteriores na história. Pode-se afirmar que vem resistindo à violência dos regimes de dominação das mulheres e à violência inerente a eles.

A análise situada de espetáculos e dramaturgia cênica feminista partem então, deste campo conceitual. Analisemos um a um.

A análise situada de espetáculos² é a análise de uma obra cênica a partir de seus elementos artísticos e também da relação destes com mais elementos, ou seja, históricos, econômicos, políticos e sociais. Em conjunto, compõe um quadro contextual de elementos, ou seja, a análise situa a obra em um contexto. Este encontra-se tanto nos elementos da dramaturgia cênica, que observados em perspectiva, são resultado de processos históricos, como no fazer da obra, ou seja, no aspecto profissional das artes cênicas, e também no ambiente social onde a obra e seus profissionais estão inseridos. Logo, observa-se a obra cênica como resultado desta rede de fatores e atuante sobre ele. Esta observação é o primeiro passo para o entendimento da obra. Da observação vem a identificação de elementos, alguns significativos, ou seja, que estruturam ou que expressam marcas daquela obra e outros tantos, secundários. Esses elementos são então posicionados a partir da relação que estabelecem entre si, originando um esboço interpretativo. Este processo pode se dar apenas mentalmente ou ser expresso através da palavra escrita ou falada, ou mesmo de desenhos. Este esboço vai aos poucos se transformando através do processo interpretativo e propositivo que é o processo analítico e então chega à forma de um quadro explicativo do objeto de estudo, no caso, a obra cênica.

Observa-se então que a análise situada de espetáculos parte da observação de uma grande quantidade de elementos para gerar um quadro explicativo consistente e coerente. Quais seriam esses elementos? Os elementos artísticos são aqueles que constituem a dramaturgia cênica: iluminação cênica – seja gerada por luz natural ou artificial; sonoridade; figurino; maquiagem; movimentação das artistas; aspectos vocais das artistas; espacialidade; temporalidade; e cenografia. Cada um destes elementos por si só já rendem um bom tempo de pesquisa e há profissionais que optam por se dedicar ao estudo de um ou outro elemento em separado. Eles são também resultado das transformações ocorridas ao longo da história. Os elementos do fazer da obra seriam: as funções e tarefas necessárias para originar uma obra cênica: execução (bailarinas, atrizes, circenses, etc.); direção – quando houver; preparação corporal ou coordenação dos treinos; coordenação dos ensaios; escrita da dramaturgia (texto); concepção, desenho e técnica de luz; concepção, desenho e técnica de som; concepção, desenho e confecção de cenografia; montagem de luz, som e cenografia; produção artística; produção executiva; funções técnicas relativas à divulgação da obra – concepção e criação da identidade visual, cartazes e material informativo e muitas vezes, a manutenção dos canais de divulgação. Nas sociedades atuais essas funções tendem a ser ocupadas em decorrência não apenas de interesses ou habilidades, mas, de contextos de dominação e desigualdades. As funções das técnicas tendem a ser mais ocupadas por homens, assim como as de tomada de decisão. No quadro geral das funções as mulheres ocupam mais o estar em cena e a produção, ou seja, elas fazem acontecer, enquanto os homens elaboram e propõem o que vai ser feito. É um quadro tipicamente patriarcal. Obviamente que há exceções, assim como todo regime de dominação, pois o que o constitui é a regra, o padrão e não a exceção. Exceções podem ser interpretadas como contrabalancos do próprio sistema, proporcionando alívio temporário para suas integrantes, porém, alienando-as do leme estrutural, ou então como rompantes da trama, que em cadeia, transformam pouco a pouco, a estrutura de então, para gerar nova estrutura de relações. Exceções no campo das funções artísticas são observadas atualmente na presença de mulheres diretoras, dramaturgas, técnicas e desenhistas de luz, som e cenografia. Concebendo, propondo e coordenando, colocam em prática a realidade de mulheres tomando decisões sobre coletivos de pessoas. A análise situada observa também como as profissionais se relacionam entre si, sejam elas mulheres ou homens e como as relações de poder, violência, dominação e exploração ocorrem no fazer da obra cênica, ou seja, como se dão as relações de trabalho.

Seguindo, são observadas as condições de trabalho, em geral bastante diferentes para homens e mulheres, além do próprio mercado de trabalho das artes cênicas. Observados em conjunto esses

2 Inicialmente, na pesquisa de mestrado, propus dois termos sinônimos: análise situada de espetáculos ou análise contextualizada de espetáculos. Opto agora pelo primeiro.

fatores promovem complexidade ao olhar sobre a obra. Em seguida observa-se os elementos do contexto macro, que se sustenta através do micro, a partir das seguintes perspectivas: histórica – entendendo o momento atual como resultado do passado; econômica – pensando desde o valor do ingresso, pagamentos das profissionais envolvidas no fazer da obra, até o contexto que promoveu acesso ou barreiras às pessoas em se tornarem profissionais da arte; política – observando as características dos processos vigentes de tomada de decisão sobre o coletivo, influentes obviamente nas profissionais da arte; e a perspectiva social – que é a relação de todas as perspectivas anteriores e também a constatação de padrões de relacionamento entre as pessoas que compõe a sociedade onde a obra está inserida. Os elementos a serem analisados dentro desses campos (que são também perspectivas) fica a critério da pesquisadora, pois são muitos os caminhos possíveis a serem tomados nessa etapa. O que é importante é que a obra seja situada no contexto e pensada através de elementos significativos para o entendimento deste. Dados e reflexões são bem-vindos tanto nesta quanto nas outras etapas.

A análise situada de espetáculos entende a obra cênica como resultado da trama tecida entre todos esses elementos. É uma análise complexa, pois assim o é a realidade.

Dramaturgia cênica feminista é aquela realizada por mulheres, resultado de um processo feminista de trabalho e composta de elementos que são resultado dos pensamentos e práticas feministas, tanto históricas quanto atuais. É uma maneira possível de dar forma às ações feministas através da cena, representando-as, quando interpreta e sendo-as, quando é linguagem e ação. A cena tem esse duplo sentido que é ser e representar, ou seja, ser algo e às vezes, ao mesmo tempo, representar o outro. Ela é ela mesma e também outras, em um processo que se retroalimenta e nunca é composto de apenas um dos elementos. Foi apontado acima o que é o feminismo, a partir de uma interpretação possível. Feminismo é a ação realizada por mulheres que interpretam a realidade através da perspectiva que considera a violência cometida por homens contra mulheres e também a partir da perspectiva de que as mulheres são sujeitos políticos, além do fomento de ações que visam estabelecer realidades onde não haja violência contra as mulheres e que desenvolvam e estabeleçam contextos onde as mulheres pratiquem política. Aqui vale também a definição de política. Política é o contexto composto de processos de tomada de decisão sobre o coletivo. Esse processo ocorre através do diálogo e acordos, passando por reflexão conjunta. Política é decisão conjunta sobre o coletivo e logo, sobre o indivíduo, já que coletivo é composto de indivíduos. Política é um processo que gera regras, diretrizes e princípios sobre a vida em sociedade. O processo político pode ocorrer em pequenos ou grandes grupos e direcionar a vida de pequenos ou grandes grupos, através de legislação formalizada ou tácita. Dramaturgia cênica feminista deriva então deste conjunto de pensamentos. Dramaturgia cênica feminista é uma prática feminista.

As práticas feministas são várias ao longo da história e o processo de trabalho que origina a dramaturgia cênica feminista pode reunir um pouco de todas elas ou se orientar por uma ou outra. A prática do fazer dramaturgia cênica feminista pode se dar de várias formas e expressar várias dessas ideias feministas. Ainda, um norte as une, a prática das mulheres enquanto sujeitos políticos e a crítica às sociedades onde as mulheres são violentadas pelos homens, assim como o repúdio à essa violência. O feminismo repudia as violências praticadas contra as mulheres e em cena, o faz de forma artística, ou seja, criativa, técnica e teórica, através da resignificação sobre a realidade e exposta para um público. Artes cênicas é relação presencial.

Nem toda ação realizada por mulheres que teve como seu eixo central a afirmação das mulheres como sujeitos políticos e o questionamento e empenho em cessar a violência contra as mulheres ao longo da história foi ou é denominada feminista. O feminismo vem sendo proposto em vários países e em momentos históricos distintos, a partir de práticas e reflexões diversas. Pode-se dizer que, mesmo

tendo em comum os dois eixos apresentados, práticas e ideias feministas partem muitas vezes de interpretações diferentes sobre os conceitos de “violência” e “política”, ou “sujeito político”. Os dois últimos englobam outros semelhantes como “emancipação”, “afirmação”, “libertação”, “direitos”, “empoderamento”. Ademais, os movimentos feministas são também estruturados a partir de realidades individuais e coletivas de mulheres anteriores ao surgimento destes movimentos. Ou seja, ações emancipatórias realizadas por mulheres anteriores ao uso do termo “feminismo” são grandes influenciadoras dos movimentos feministas na história. Há, portanto, uma relação causal e de estruturação de ação e pensamento que se vê também no passado. São as lutas de mulheres que vieram antes de nós que também nos mostram que é possível a transformação da realidade. Dessa forma, esta pesquisa pensa tanto os movimentos feministas quanto os movimentos de mulheres que vem propondo de forma semelhante a transformação da realidade de violência contra as mulheres para uma realidade de paz e existência de construção política conjunta, vinda de todas as integrantes da sociedade. Mesmo quando passa a existir o termo “feminismo”, tais práticas de mulheres, nomeadas de várias outras formas, continuam existindo. Não é necessariamente a existência do conceito que promove importância a tais práticas, mas, as práticas elas mesmas que constroem importância. O conceito se torna também importante como um aglutinador, um referencial e um fortalecimento simbólico coletivo, mas, só o é relevante, pois deriva de uma prática. Pensemos então sobre as ideias práticas feministas e de mulheres que vem propondo o fim do patriarcado, ao longo da história.

O primeiro ponto é o reconhecimento das mulheres enquanto elementos significativos para a construção social, ou seja, a vida em sociedade, tanto a partir de ações, como ideias, propostas, conhecimento, soluções. O segundo ponto é a constatação de que os homens praticam inúmeras formas de violência contra as mulheres em todos os territórios, não apenas atualmente, mas, nos últimos milênios. As violências variam também em função de contextos sociais, econômicos, étnicos, culturais, políticos, religiosos e territoriais, observando-se tanto os homens quanto as mulheres localizadas em diferentes grupos destes eixos e as relações estabelecidas entre as pessoas a partir destes. Nesse sentido há o reconhecimento de que as violências existem de forma complexa, ocorrem em rede e são resultado de várias estruturas de dominação, não apenas do patriarcado. Então há as práticas de sobrevivência no contexto de violência, realizadas por mulheres e entre mulheres. Muitas são ações individuais e outras, em grupo. Há também os espaços de reunião de mulheres, que resultam em reflexões conjuntas sobre as realidades sociais e a existência das mulheres, assim como no aprimoramento das estratégias de existência. Estes espaços fortalecem laços, promovem identidade, impulsionam para a vida, além de fomentar a ação de elaboração sobre a realidade. No patriarcado, os pontos de vista das mulheres sobre a realidade, são sufocados para que o ponto de vista dos homens predomine. Nos espaços entre mulheres, o discurso é estimulado e então, se produz epistemologias, teorização oral, escrita, técnica, criativa. Mulheres produzem conhecimento coletivo, reconhecido entre elas e também pela sociedade, a partir da vazão destes. Há também impulsionamento das mulheres destes espaços para o todo da sociedade. Estes espaços podem ser também de formação, com o objetivo de lapidar conhecimento para se chegar a outro lugar. Manifestações de rua também podem derivar destes espaços de organização política. Pontuando essas experiências em itens pode-se chegar ao seguinte quadro. Os movimentos de mulheres e movimentos feministas estruturam-se e existem a partir dos seguintes elementos:

1. Existência de espaços seguros entre mulheres, ou seja, onde haja apenas mulheres;
2. Mulheres falam de suas experiências;
3. Mulheres ouvem e reconhecem as experiências de outras mulheres como significativas para a construção de conhecimento coletivo;
4. Mulheres refletem sobre a violência contra as mulheres e como estas ocorrem de formas diferentes em função dos contextos onde estão inseridas;

5. Mulheres refletem sobre contextos de privilégio social onde grupos de mulheres estão inseridas;
6. Mulheres se colocam como sujeitos da história, atuantes na sociedade;
7. Mulheres produzem conhecimento sobre o regime patriarcal e sobre a violência existente neste regime;
8. Mulheres produzem conhecimento sobre todos os temas, fortalecendo também aqueles que socialmente são desestimulados a elas que o façam;
9. Mulheres praticam o que socialmente é apartado de suas existências enquanto mulheres, por não corresponder ao conceito de feminilidade.
10. Mulheres evidenciam realidades vividas por elas a partir da crítica à configuração de padrões de existência. Mulheres são também velhas, gordas, com deficiência, e assim por diante;
11. Mulheres falam sobre mulheres que contribuíram de forma significativa para a história e que muitas vezes não são reconhecidas no discurso social ou na historiografia;
12. Mulheres se propõem à ação de cessar as violências contra elas praticadas, olhando para as diferentes violências cometidas contra mulheres de diferentes localidades, classes sociais e etnias;
13. Mulheres organizam ações a ocorrer nos vários espaços da sociedade;
14. Mulheres agem politicamente nos vários espaços da sociedade;
15. Mulheres organizadas se conectam com outras organizações de mulheres, ampliando a rede de organização de mulheres;
16. Mulheres refletem sobre a acessibilidade das mulheres em relação aos locais e horários de realização das atividades dos grupos feministas e de mulheres, assim como a acessibilidade financeira e de tempo, este, no caso das mulheres que precisam de apoio em relação ao cuidado com suas filhas e filhos pequenos no momento da atividade. A partir destas reflexões, mulheres propõem soluções para que todas as mulheres possam comparecer.
17. Mulheres se inserem nos espaços mistos de tomada de decisão sobre a sociedade.

A dramaturgia cênica feminista seria então resultado desta configuração de práticas e pensamentos feministas e de mulheres. Propõe-se que o processo de criação e produção da obra teatral, ou seja, o âmbito da profissão artística, seja também constituído por estes elementos. Para a cena propõe-se então que:

1. Ocorra também em espaços onde haja apenas mulheres (artistas, técnicas, produção e plateia), proporcionando o acontecimento artístico em um contexto sem a violência patriarcal;
2. Expresse a perspectiva de mulheres;
3. As artistas reconheçam as perspectivas de várias mulheres;
4. As artistas abordem situações onde ocorre violência contra as mulheres, de diferentes formas, pois inseridas em diferentes contextos;
5. As artistas abordem questões relativas a privilégios sociais referentes a grupos de mulheres;
6. As artistas se coloquem como produtoras de discurso, seja através de uma personagem ou da expressão artística em cena;
7. As artistas abordem o patriarcado e a violência contra as mulheres;
8. As artistas abordem temas e contextos que no discurso social estão desvinculados das mulheres e da construção social violenta da feminilidade;
9. As artistas expressem práticas e estéticas sobre a mulheridade e necessariamente apartadas da construção social de feminilidade;
10. As artistas sejam várias: velhas, gordas, com deficiência, e assim por diante;
11. As artistas abordem histórias de mulheres que contribuíram de forma significativa para a história;

12. Aborde temáticas sobre as violências praticadas contra as mulheres, olhando para as diferentes violências cometidas contra mulheres de diferentes localidades, classes sociais e etnias;
13. Seja também um espaço de organização política;
14. Seja também uma ação política nos diferentes espaços da sociedade;
15. Seja mais um elemento de conexão com outras obras teatrais feministas e com outras organizações feministas e de mulheres, fortalecendo a rede de organização de mulheres;
16. Ocorra em locais e horários acessíveis para todas as mulheres e que seja financeiramente viável para todas as mulheres. Várias são as formas de viabilizar financeiramente a participação da plateia: o valor do ingresso pode ser definido pela renda das mulheres da plateia, cada uma pagando de acordo com sua renda; pode haver um número de ingressos gratuitos; pode haver um número de ingressos com desconto; a entrada pode se dar por troca de trabalho entre artistas e plateia; os ingressos podem ser gratuitos. Propõe-se também que exista apoio para as mulheres da plateia em relação aos cuidados com filhas e filhos pequenos, para que essas mulheres possam assistir à peça;
17. Seja também um espaço de estímulo e fomento para que as mulheres, incluindo as artistas da peça e plateia, participem nos espaços mistos de tomada de decisão da sociedade.

É importante observar que os regimes de dominação trabalham para que as estruturas sociais que os caracterizam não sejam percebidas como tal: como estruturas e como fomentadoras da violência. Neste sentido é preciso desmontar também o eixo simbólico e de discurso destes regimes, escancarando as engrenagens da violência para que sejam percebidas como são. Um elemento importante dessa engrenagem no Brasil atual é o oligopólio dos meios de comunicação, resultando em pouca diversidade de informação. Nessa estrutura de difusão da informação, assim como na maioria das outras: científica, historiográfica, artística, entre outras, o processo de produção de discurso é composto majoritariamente por homens. À medida que mais mulheres passam a produzir discurso, ou seja, elaboração sobre a realidade expressa no âmbito coletivo, perspectivas de mulheres passam a constituir as simbologias difundidas sobre as sociedades, que são também pontos de sustentação destas. Simbologias resultam também em políticas, economias, e assim por diante. Mulheres são sujeitos políticos, produtoras de ideias, discursos, soluções. Mulheres agem, fazem, avaliam, traçam estratégias e refazem. Análises de obras teatrais e dramaturgias são também espaços de produção de discurso. E é a partir de um pensamento feminista que se propõe que estes espaços sejam produzidos a partir de uma perspectiva ampla, consciente e consistente, impulsionando mulheres para a vida, para o espaço da política, para o reconhecimento de si e das outras. Feminismo para um mundo sem violência.

Referências

BESKOW, Daniela Alvares. O discurso das mulheres na cena paulistana de 2015-2016: uma proposta feminista de análise de espetáculos. São Paulo, 2017. Dissertação (mestrado). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista.

MATOS, Marlise. *Mulheres em busca de cidadania política: paradoxos de uma incompletude*. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (Orgs.) *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços públicos. Uma década de mudanças na opinião pública*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc SP, 2013, p. 315-332.

Regimes de dominação e as artes cênicas

Atualmente observa-se quatro regimes de dominação estruturais: o patriarcado, o racismo, o capitalismo e a heteronormatividade. Entende-se por estrutural aquilo que estrutura, ou seja, que se alicerça em vários pontos de um todo, gerando um contexto e que predomina durante longos períodos de tempo. Uma estrutura tem, portanto, vários pontos de sustentação. Para altera-la por completo, há que se alterar todos os seus alicerces e todas suas características. Estruturas adaptam-se, é fato. O passar do tempo as modificam através da história, da ação humana e das intempéries. Ainda que modificadas, serão as mesmas caso seus principais elementos não sejam transformados.

Observa-se características estruturais nos quatro contextos apontados acima. As ações e acontecimentos que integram tais estruturas são observados em vários momentos nos cotidianos das sociedades. Em cada sociedade/país/território, ocorrem de maneiras diversas e tendo como eixo central a existência da violência, da dominação e da exploração. O patriarcado é definido pela existência da violência cometida por homens contra mulheres. O racismo é definido pela existência da violência das pessoas e populações brancas contra populações negras e indígenas. O capitalismo se define pela violência econômica cometida por grupos sociais com mais acesso a recursos contra grupos sociais com menos acesso, gerando desigualdades econômicas. E a heteronormatividade é definida pela violência cometida por pessoas e grupos heterossexuais contra pessoas gays e lésbicas. Cada uma dessas estruturas tem histórias próprias e que se entrecruzam, podendo-se afirmar que sustentam umas às outras.

No mundo e também no Brasil tem-se observado nos últimos anos um aumento e fortalecimento de movimentos que questionam e criticam tais contextos de violência, propondo formas de existência onde todas as pessoas tenham acesso à recursos, paz, bem-estar e possibilidades múltiplas de materialidade.

Como pensar esse contexto de luta e questionamentos nas artes cênicas? Um primeiro ponto é a observação de fomento de contextos de trabalho composto por semelhantes. Grupos de teatro, dança, circo, compostos apenas por mulheres, ou apenas por pessoas negras, ou por pessoas periféricas e assim por diante. Dessa forma, busca-se a consciência de grupo, consciência de classe e o fortalecimento entre os seus com vistas também à viabilização econômica que é precarizada no trabalho misto. O contexto trabalhista tende a favorecer aqueles que se localizam nos grupos dominantes e privilegiados, sendo o privilégio um elemento que se estabelece a partir da relação com o desprivilegiado. Grupos dominantes exploram os grupos dominados, ainda que todas as pessoas inseridas nesses grupos não estejam diretamente ligadas. O contexto realiza a manutenção dos privilégios e das violências, sendo que cada pessoa integrante da sociedade age e reage de diferentes formas neste contexto. Unir-se entre semelhantes é, portanto, uma estratégia de sobrevivência e de proposição de contextos trabalhistas de melhora econômica com o objetivo final de abundância para todos.

O segundo ponto é a dramaturgia cênica resultante desse contexto de questionamentos, seja aquela que ocorre em grupos de semelhantes ou em quaisquer grupos de artes cênicas. Tem-se observado nos últimos anos intensa produção cênica de grupos e artistas que desenvolvem reflexões importantes e potentes, propondo transformações e novas realidades sociais. Falas, discursos, dramaturgias, imagens e propostas que vem ocupando cada vez mais espaço nos palcos e logo, na sociedade. É importante apontar que os regimes de dominação são reforçados também a partir do discurso, do simbólico, do estético. Esse nível serve como reforço, naturalização e convencimento social de que a materialidade da violência deve existir. O convencimento coloca também que a violência não deve ser questionada e que não é vantajoso, faze-lo. Os grupos dominantes, através das estruturas que os favorecem, desenvolvem mecanismos para garantir a perpetuação destas, no tempo. A violência existente nos contextos de dominação gera benefícios materiais aos privilegiados, além de benefícios emocionais e psíquicos. Privilegiados tendem a se sentir mais confortáveis e a vontade nos espaços coletivos e compartilhados, pois sabem da certeza de que não sofrerão violência referente à sua condição, nestes espaços. Neste sentido, o questionamento destes contextos de dominação no nível simbólico, que é o da cena, propõe transformações, questiona as estruturas, discursiva. Assim como um aspecto da política, que é o discurso, a cena também assim o faz. A veiculação de discursos diversos é importante pois assim o é a sociedade, diversa. Discursos geram também transformações materiais, pois são de certa forma, propositivos.

Se torna importante também o deslocamento destas proposições a nível da cena para o nível da tomada de decisões, completando assim o ciclo de mudanças. Tomadas de decisões que começam no nível trabalhista, no encontro com os seus e confrontando o contexto econômico e podem ocorrer também no nível das decisões sobre o coletivo da sociedade como um todo. É preciso que as decisões sobre o coletivo favoreçam a todos e não apenas alguns e que os recursos sejam divididos entre as pessoas de forma igualitária.

Agrupamentos profissionais e dramaturgias cênicas que propõe a superação dos regimes de dominação. Várias, necessárias e potentes. É preciso ampliar a percepção do público e de nós mesmos, artistas, sobre a realidade. Ao trabalho.

Caderno de Textos 4
Editora Palavra e Meia